

1. Como surgiu a ideia? (Conte o que motivou o desenvolvimento da experiência. As ações desenvolvidas visam atender a que situação, problema ou demanda?)

Resposta: A ideia de criar uma associação surgiu concomitantemente ao surgimento da Rede Atenção Psicossocial (RAPS) em Natal, há 14 anos. Diante de um cenário de mudanças político-institucionais, dada a constituição de 1988, a mobilização dos movimentos sociais - vide a Luta Antimanicomial - e o surgimento do Sistema Único de Saúde, havia um sentimento de politização nos profissionais da saúde mental, os quais buscavam estendê-lo aos usuários do serviço, igualmente. Com isso, a ideia de um grupo que não fosse apenas terapêutico, mas que alcançasse a organização política foi concretizada na criação da Associação Potiguar Plural. Nesse sentido, o grupo visa debater e promover a participação no cenário político-institucional a nível municipal e nacional, no que tange à saúde mental, de usuários da RAPS e seus familiares, profissionais, estudantes e pesquisadores, de modo a gerar uma outra via da produção de saúde mental a quem participa dos encontros da Associação.

2. Como era a realidade antes da experiência ser implementada? (Descreva o ambiente e o cenário, conte o que estava acontecendo no cotidiano quando surgiu a ideia)

Resposta: Alguns dos membros da Associação Potiguar Plural viveram uma história preliminar ao surgimento dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), iniciando a sua participação política no período em que os dispositivos substitutivos eram nomeados como Núcleos de Atenção Psicossocial (NAPS). A formação posterior de uma associação se deu pela iniciativa de técnicos e usuários de um CAPS, o mais antigo da cidade. Na época, nas assembleias desse serviço foi sendo percebido pelos usuários e profissionais a importância de uma organização política que pudesse defender os direitos dos usuários e usuárias e a própria política de saúde mental antimanicomial, tendo em vista a organização das forças conservadoras, notadamente vinculadas a corporação psiquiátrica local, que pautavam a defesa do manicômio. Um fator impulsionador para a formação de uma associação se deu em 2010, com a IV Conferência Nacional de Saúde Mental, a qual o enfoque na potencialidade dos movimentos sociais no processo da Reforma Psiquiátrica foi um componente motivador.

3. Como foi o desenvolvimento da experiência? (Relate as atividades realizadas: o planejamento, a execução, as surpresas e os desafios enfrentados. De que modo aconteceu? Como foi o passo a passo da realização? Que etapas compreenderam o processo do trabalho? Foram feitas reuniões de organização? Quais dificuldades encontradas durante a realização e quais soluções foram desenvolvidas?)

Resposta: O desenvolvimento da Associação passou por diversas etapas, visto que seus objetivos variaram ao longo de sua história, também porque houveram momentos de hiato das atividades. O grupo, inicialmente, objetivou o suporte mútuo. Depois, em maneiras de inserir os participantes nas iniciativas culturais e políticas da cidade. Por fim, o objetivo dos encontros faz uma convergência das experiências anteriores, somando-as ao norteador da organização política. Entretanto, o grupo metamorfoseia-se, a partir daquilo que seus participantes necessitam e/ou desejam. O planejamento para os encontros, desde a sua criação, seguiu a lógica de um

encontro semanal. No entanto, ao longo dos anos, houveram mudanças do local das reuniões, visto que a Associação não tem uma sede própria. Os encontros ocorreram, então, em locais associados aos dispositivos da RAPS, em espaços cedidos, até o momento atual, os quais ocorrem na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). No momento em que a Associação liga-se à UFRN, inicia-se uma nova etapa, pois as suas reuniões tornam-se, também, um espaço de formação, contando ativamente com discentes de Psicologia, e demais áreas, passando ao status de projeto de extensão universitária. Dentre as dificuldades que foram enfrentadas, inicialmente, apontam-se a ausência de um lugar fixo para os encontros, a burocracia da institucionalização de uma associação, as dificuldades de participação enfrentadas pelas pessoas que vivem sofrimentos mentais graves e condições de vida limitantes do ponto de vista sócio-econômico e a constância dos encontros. Adicionam-se às dificuldades, ainda, a forma que o grupo lida com efervescência dos afetos e os conflitos que as reuniões são capazes de mobilizar e o respectivo manejo para tais situações, sendo essa uma variável transversal na história do coletivo. Não obstante, há de se lidar também com os acontecimentos das vidas particulares, que escapam ao espaço da reunião, mas que são recrutados durante os encontros. Para enfrentar todas essas dificuldades, foi, e continua sendo, necessário evocar aquilo que torna o grupo coeso e necessário - o desejo do encontro e da mobilização em torno de uma pauta comum de luta por cidadania. O trabalho coletivo dos estagiários, extensionistas, profissionais e demais discentes é um fator imprescindível para o manejo grupal e individualizado, sob supervisão docente, de modo que o cuidado se dá sempre em rede, além de servir como um fator adicional de organização da Associação.

4. Quais os materiais e dispositivos utilizados para desenvolver a experiência? (Que recursos foram necessários para que a execução fosse possível? Utilizou-se material lúdico? Materiais pedagógicos? Técnicas de grupo? Peças de comunicação? Reuniões estratégicas? Assembleias? Supervisão clínica e institucional? Lembre que estes materiais podem ser enviados em formato de fotos, vídeos, áudios e outros arquivos)

Resposta: Para as reuniões, é preciso de um espaço físico na universidade, como uma sala de aula ou um pequeno auditório. O grupo, composto tanto por usuários da RAPS quanto estudantes e profissionais de psicologia, é manejado com o cuidado de que todos e todas possam ter espaço de fala, o que possibilita a politização do espaço. Por vezes, pode ser necessário que alguém exerça uma “função borda” do coletivo, dando conta de criar caminhos de vazão para os excessos que podem desorganizar e desestabilizar o coletivo. Decisões e encaminhamentos são registrados em ata e deliberados coletivamente com as pessoas presentes na reunião. A tarefa de apoio institucional da Associação é realizada pelos estudantes extensionistas e estagiários e profissionais que recebem supervisão clínico-institucional de docente do curso de Psicologia da UFRN. Além disso, o coletivo recebe, eventualmente, o apoio de outras instituições, cursos e entidades como o movimento nacional da população de rua (MNPR-RN) e o Centro de Referência em Direitos Humanos Marcos Dionísio (CRDHMD/UFRN). A equipe de apoio tem a obrigatoriedade institucional de produção de relatório do projeto de extensão a cada semestre e a escrita de relatos e artigos sobre a experiência,

visando comunicar a experiência. Como tecnologias utilizadas ao longo do tempo, o coletivo desenvolve assembleias, oficinas, confecção de cartazes, tenda do conto, cursos, eventos e outras tecnologias grupais que são ofertadas pelos acadêmicos e parceiros do coletivo.

5. Quais foram as mudanças produzidas/resultados alcançados? (O que foi modificado em relação à realidade que existia antes da experiência acontecer? Como a experiência contribuiu para a qualificação da RAPS?)

Resposta: Segundo os relatos dos próprios plurais, o espaço de compartilhamento de experiências oportuniza sempre novos aprendizados, desde a tomada de consciência de seus direitos sociais e políticos até a experimentação de novas práticas de cuidado. Percebemos na Plural um potencial de exercício de cidadania e autonomia na medida em que os sujeitos vão ocupando seus lugares de agentes sociais de transformação. Tanto é que eles participam ativamente das reivindicações de melhoria da RAPS e da luta por uma sociedade sem manicômios. Além disso, o coletivo figura como importante e fundamental atuante no cenário político local na defesa da luta antimanicomial.

6. Conte o que você aprendeu com o processo vivenciado e que poderia ajudar outros trabalhadores na implementação de experiências como essa. (Relate detalhes que podem ajudar outros colegas na adaptação e implementação em contextos diversos)

Resposta: A formação de um grupo atravessado pela organização política no campo da saúde mental representa uma outra lógica, tanto na produção de saúde mental quanto na postura profissional. Ao invés de seguir-se a lógica de um grupo terapêutico, cujo funcionamento está mais relacionado às tecnologias dos dispositivos da RAPS, busca-se um outro objetivo: a mobilização dos afetos em prol da organização e participação no cenário político-institucional e de pessoas que são historicamente marcadas por violações de direitos produzidas pela manicomialidade e por diferentes formas de preconceito. Isto é, há um direcionamento para a produção de subjetividades politizadas e ativas em relação aos próprios direitos e ao reconhecimento de si enquanto cidadãos. Ademais, a partir desse modelo de coletivo, protagonizado por usuários e suas demandas, produz-se autonomies relativas às singularidades e ao coletivo. Vale adicionar que a Associação possibilita a participação em outros espaços que não aqueles tipicamente associados ao cuidado, ou seja, possibilita uma outra forma de relação com a cidade e com a universidade e com outras instituições, ocupando espaços que antes eram tidos como inacessíveis, e que agora podem ser ocupados sob outra posição, a qual permite aos associados enunciar um outro tipo de saber a partir de suas experiências de vida. Há, então, uma multiplicidade das formas de relações possíveis de serem produzidas a partir da atividade política, e isso não está restrito aos usuários da RAPS, alastra-se para familiares, profissionais, discentes, para a comunidade. Sob o ponto de vista discente, essa é uma experiência possibilitadora de diversos aprendizados, tais como: a história da Reforma Psiquiátrica e seus atores, seus desdobramentos e os enfrentamentos ainda a serem feitos atualmente; aprofundamento do conhecimento acerca do cenário político municipal, estadual e nacional, no que tange às políticas públicas relacionadas à saúde mental;

conhecimento sobre políticas públicas e os mecanismos de participação social; introdução ao manejo do cuidado coletivo e individual; experiência com o manejo de grupidades e produção de um plano coletivo de atuação; introdução à escuta clínica - sobretudo no contexto da diferença que esse tipo de experiência convoca - e à clínica ampliada; aprofundamento teórico relativo às teorias que embasam a Reforma Psiquiátrica e a desinstitucionalização.

7. Houve relação entre diferentes serviços da RAPS? Como se deu essa relação? (Descreva como se deu essa articulação, os desafios e oportunidades)

Resposta: A Plural tem relação próxima com o Centro de Convivência e Cultura (CECCO) de Natal, uma vez que a grande maioria dos plurais são, também, convivas. Articulamos e compartilhamos estratégias de cuidado de modo a não restringir a atenção ao usuário a uma figura ou a um lugar de referência, ampliando, assim, as possibilidades de ação. A participação nas reuniões da Plural chegou a ser, por um tempo, programação semanal do CECCO, momento em que convivas – equipe e usuários – adentravam no espaço universitário. Além disso, as relações com os demais dispositivos da RAPS e de outras políticas públicas são sempre pautadas, havendo ações de incidência para que essas redes e serviços cumpram seu papel na garantia de direitos dos usuários.

8. O que te mobiliza no cotidiano do trabalho na RAPS? (Que aspectos motivadores motivam o seu dia a dia) a potência dos encontros formativos é a base para motivacional

Resposta: a força política é poética da plural. Cientes de que muitas são as problemáticas que atravessam o sistema público de saúde, objetivando a promoção de uma melhor qualidade de vida aos usuários do CAPS, possibilitando oferecer um serviço que considere todo o contexto psicossocial destes usuários, podendo de fato ser uma rede substitutiva, de acordo com as diretrizes da reforma psiquiátrica.

9. O que você conta do que sentiu durante a realização dessa experiência? Como foi lidar com esses sentimentos? (Quais emoções e sensações foram vivenciadas ao longo da prática realizada? Sentiu medo, impotência, satisfação, alegria ou realização no trabalho?)

Resposta: Um misto de emoções seguidas de muita esperança. Ser membro da Plural é esperar que um mundo antimanicomial é possível, sim.

10. Como você e sua equipe ligam com os sentimentos que emergem da prática profissional? (Diante de situações adversas, sentimentos de impotência e dúvida, há espaços de acolhimento? Como se apoiam para cuidar da saúde e do bem-estar dos colegas de trabalho?)

Resposta: O acolhimento é construído artesanalmente e com muita disponibilidade para pensar as interações humanas, contextualizando suas (re)existências e suas interações, com nossas posturas formativas que não se esgotam em contato com a luta antimanicomial.